



Gênero, Sexualidade e Educação

Leandro Colling

HACE₅₀

Gênero e sexualidade na atualidade

Gênero e sexualidade na atualidade

UNIVERSIDADE
INSTITUTO DE HUMANIDADES
GÊNERO E SEXUALIDADE

Leitura

Gênero e sexualidade



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor: João Carlos Salles Pires da Silva
Vice-Reitor: Paulo César Miguez de Oliveira
Pró-Reitoria de Extensão Universitária
Pró-Reitora: Fabiana Dutra Britto
Instituto de Humanidades, Artes e Ciências
Diretor: Messias Bandeira

Superintendência de Educação a
Distância –SEAD
Superintendente
Márcia Tereza Rebouças Rangel

Coordenação de Tecnologias Educacionais
CTE-SEAD
Haenz Gutierrez Quintana

Coordenação de Design Educacional
Lanara Souza

Coordenadora Adjunta UAB
Andréa Leitão

Gênero e Sexualidade na Educação

Coordenador: Prof. Leandro Colling

Produção de Material Didático

Coordenação de Tecnologias Educacionais
CTE-SEAD

Núcleo de Estudos de Linguagens &
Tecnologias – NELT/UFBA

Coordenação
Prof. Haenz Gutierrez Quintana

Projeto gráfico, diagramação e capa
Haenz Gutierrez Quintana

Equipe de Revisão:

Edivalda Araújo

Julio Neves Pereira

Márcio Matos

Simone Bueno Borges

Equipe Design

Supervisão: Alessandro Faria

Editoração / Ilustração:

Ana Paula Ferreira; Marcos do Nascimento;
Moema dos Anjos; Sofia Casais; Ariana
Santana; Camila Leite; Marcone Pereira

Gerente de AVA: Jose Renato Oliveira

Design de Interfaces: Raissa Bomtempo

Equipe Audiovisual

Direção:

Haenz Gutierrez Quintana

Produção:

Leticia Oliveira; Ana Paula Ramos

Câmera: Valdeinei Matos

Edição:

Deniere Silva; Flávia Braga; Irlan
Nascimento; Jefferson Ferreira; Jorge
Farias; Michaela Janson; Raquel Campos;
Victor dos Santos

Animação e videografismos:

Bianca Silva; Eduarda Gomes; Marcela de
Almeida; Dominique Andrade; Roberval
Lacerda; Milena Ferreira

Edição de Áudio:

Cícero Batista Filho; Greice Silva; Pedro
Henrique Barreto; Mateus Aragão



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Esta obra está sob licença *Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0*: esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuem o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Apresentação

Unidade 1 - Gênero

- 1.1 O que é identidade
- 1.2 Breve histórico o
LGBT
- 1.3 O que é e como
- 1.4 O que são os est
- 1.5 O que é a teoria
- 1.6 O que é identidade

Unidade 2 -Sexualidade

- 2.1 O que é homofob
- 2.2 O que é heteros
- 2.3. O que é homos
- pansexual, asse
- 2.4 O que é interse

Sobre o autor

Leandro Colling - bolsista de produtividade em pesquisa 2 do CNPQ, graduado em Comunicação Social pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1996), mestre (2000) e doutor (2006) em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Realizou o seu estágio de pós-doutoramento em 2013-2014 na Universidade de Coimbra, junto ao Centro de Estudos Sociais (CES). É professor associado I do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) Professor Milton Santos, professor permanente do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação

Pessoas queridas.

Este livro didático foi pensado e inicial, alguns aspectos, conc deseja estudar os temas relativos atualidade. A proposta é suscitar sobre os temas, pois neste espaço todos os assuntos e nuances sexualidade e gênero. Algumas desenvolvidas nas videoaulas, q depois da leitura atenta de cada partição do pressuposto que vo de cada unidade deste livro.

E não é por acaso que este de especialização em Gênero iniciadas aqui serão depois aplic suas interfaces com o campo c entender bem os assuntos deste deixe de fazer as leituras comple cada unidade.

De maneira resumida, este li

Unidade 1

1.1 O que é identidade

Antes de tratarmos especificamente o gênero, é preciso pensar sobre o que é melhor, identidades. Mesmo se não nos deparamos, de alguma maneira, com quem é você? Onde nasceu? Onde mora? Essas perguntas, que parecem simples, são sobre quais são as nossas identidades e como se relacionam com a diversos aspectos e contextos da vida.

Ao responder essas questões, por exemplo, que é uma mulher brasileira, que nasceu em Salvador, que lutou muito para o pagamento. Esse breve texto descreve o nacional, de gênero, territorial, e, assim, também nos dá pistas sobre o que é e interfere profundamente nessa identidade a se identificar. É por essas e outras que

estariamos, no final das contas, pensando por uma perspectiva racista. O que os estudos das identidades questionam, dentro dessa perspectiva cultural, é: por que atribuímos valor positivo para determinados corpos e não para todas as pessoas? É a partir daí que começamos a perceber que, se formos responder aquelas perguntinhas iniciais de uma forma um pouco mais profunda, veremos que as respostas estarão carregadas de processos históricos, políticos e econômicos que forjaram as formas com as quais constituímos as nossas identidades.

São esses processos que explicam porque, até bem pouco tempo, aquela nossa mulher negra, citada acima, talvez se identificasse como mulata ou morena. Se estamos tratando da mesma pessoa, por que em determinado contexto e tempo histórico essa pessoa se identificaria como morena e em outro como negra? É nessas questões que os estudos das identidades culturais estão mais interessados.

Stuart Hall, um importante autor que pensou muito sobre a construção das nossas identidades, em especial as étnico-raciais, entendia o seguinte sobre as identidades:

Utilizo o termo identidade para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (...) Isto é, as identidades são posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” sempre que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos (HALL,

2007, p. 111, 112)

Na segunda parte da citação, Hall defende que só conseguimos função da existência do Outro. Para eu me identificar como homem me identificar como heterossexual. Ou seja, esse Outro, que muito um papel importante para a construção

É por essas e outras questões de identidade

não é uma essência, não é uma cultura. Não é fixa, estável, homogênea, definitiva, acabada é uma construção, um efeito, um performativo. É instável, contrastante. Está ligada a sistemas de representação de poder (TADEU DA SILVA, 2007, p. 111, 112)

Façamos novamente um esforço. A identidade é o resultado de um processo de forma totalmente autônoma, depende do diferente, do Outro. Os outros. As identidades só podem ser. O interessante desse aspecto é o nosso texto identitário, mas o que precede a nossa existência, já expressa

Além disso, as identidades são representações, que colabora para a construção de outras identidades ou subjugar outras. Por exemplo, não apenas retratar o processo de construir ou manter grupos e identidades. Cientes

Para gravar

O que vale a pena guardar desse debate, que é muito mais complexo e longo do que consta essa breve síntese, é que as identidades que nós possuímos resultam de um processo de identificação que sofre influências de inúmeros aspectos. Esses processos de identificação iniciam na medida em que crescemos, se intensificam em determinados momentos de nossas vidas, mas, a rigor, nunca findam, mesmo quando já estamos na idade adulta. Basta se perguntar: você é hoje a mesma pessoa que foi no ano 2000? Com quais coisas você se identificava ontem e com quais coisas se identifica hoje? A nossa personagem inicial poderia dizer: “discordo, pois eu sou mulher desde que me entendo por gente e sempre vou ser mulher”. Ok, mas você é hoje a mesmíssima mulher de 20 anos atrás? Provavelmente algumas coisas mudaram, não é? Esse é um simples exercício para perceber que as identidades são flexíveis, mudam ao longo do tempo, ou seja, não podemos pensá-las como fixas, inatas ou completamente “naturais”.



Figura 2: protesto feminino . Ilustração

1.2 Breve histórico das movimentos feministas e

Nosso interesse neste componente curricular é com as questões sexuais e de gênero. Em alguns campos das identidades de gênero, os campos são muito inter-relacionados e muito mais por uma questão de movimentos sociais trabalhistas e movimentos feministas. Ao final, vocês perceberão com o avanço da sexualidade, e, portanto, as questões da sexualidade.

As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918. (PINTO, 2010, p. 15)

No Brasil, por exemplo, as mulheres conquistaram esse direito apenas a partir de 1932.

A sufragetes brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres. Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro. (PINTO, 2010, p. 16).

Guacira Lopes Louro (2014) destaca que as sufragistas não estavam apenas interessadas em votar e aponta que aquele movimento inicial estava mais ligado às mulheres brancas, o que gerou, em vários países, um descontentamento das mulheres negras, que depois criaram o feminismo negro. Trataremos especificamente desse feminismo no componente curricular Interseccionalidades, pois foram as mulheres negras (a exemplo de Kimberlé Crenshaw), ou não brancas (como Gloria Anzaldúa), quem mais colaboraram para criar e problematizar o conceito de interseccionalidade, para chamar a atenção sobre como diversas opressões atravessam as suas vidas (não apenas as questões de gênero) e como as suas bandeiras principais, em função das suas vivências, se diferem das lutas prioritárias elencadas pelas mulheres brancas e heterossexuais.

Com amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda

teorias feministas. Uma das t foi a francesa Simone de Beau publicado inicialmente em 1924 anos 60, uma grande repercuss também escreveram obras fundada em vários países, a exemplo Solanas, Betty Friedan e Kate M

A década de 1960 é particularm tados Unidos entravam com tod um grande número de jovens. N lifórnia, que propôs uma forma e de consumo norte-americano Na Europa, aconteceu o “Maio e Sorbonne, pondo em xeque a on -se a isso, a própria desilusão co nista. O movimento alastrou-se aliança com operários, o que t primeiros anos da década que fo Estados Unidos, e logo depois n atles e Rolling Stones. Em meio o livro que seria uma espécie d na. Durante a década, na Europ surge com toda a força, e as mu a questão das relações de poder como um movimento libertário, balho, na vida pública, na educ de relacionamento entre homem e autonomia para decidir sobre

Céli Regina Jardim Pinto (2

limitado pelas condições que o país vivia na época, que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil na década de 1970. O regime militar via com grande desconfiança qualquer manifestação de feministas, por entendê-las como política e moralmente perigosas (PINTO, 2010, p.16-17)

A redemocratização no Brasil, a partir de 1980, criou condições para desenvolvimento do movimento feminista, que se ampliou rapidamente e passou a trabalhar em várias frentes, pelos direitos das mulheres e suas várias especificidades e diferenças de classe, raça/etnia, escolaridade etc. Nesse momento, conta Céli Pinto, existiam

(...) inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. (PINTO, 2010, p. 17)

No Brasil, embora as mulheres negras já tivessem apresentado um manifesto no Congresso de Mulheres Brasileiras de 1975, Núbia Moreira considera que a relação das mulheres negras com o movimento feminista se estabelece a partir do III Encontro Feminista Latino-Americano, realizado em Bertioga, em 1985.

A partir de 1985 surgem os primeiros Coletivos de Mulheres Negras, época em que aconteceram alguns Encontros Estaduais e Nacionais de Mulheres Negras. A organização atual de mulheres negras com expressão coletiva emerge no sentido de adquirir visibilidade política no campo feminista, especificamente no III Encontro Latino-Americano Feminista em Bertioga. O fato marcante tocado por todas entrevistadas é a cena que se estabelece uma tensão quando chega um ônibus do Rio de Janeiro lotado de mulheres negras que não estavam inscritas no Encontro e queriam dele participar. De total de 850 participantes, 116 mulheres negras

Quando falamos do mito da fraqueza da mulher negra, da falta de proteção paternalista dos homens, falamos? Nós mulheres negras, provavelmente majoritário, que porque nunca fomos tratadas como mulheres que trabalharam duramente nas ruas, como vendedoras, quituteiras, nada quando as feministas disseram que não trabalhavam (CARNEIRO, 2011).

Já a história do movimento Ibope ao movimento feminista. A versões e pesquisadoras é a de que o movimento conhecido Revolta de Stonewall da Silva (2011) pondera que esses já existiam coletivos organizados em junho de 1968, as pessoas que frequentavam o Stonewall em New York, em sua maioria travestis, contra as insistentes batidas policiais durou dias e foi encerrado com a conta que as batidas policiais e o movimento gay e serviam para que policiais

(...) o pagamento de suborno por parte do movimento à polícia já era um hábito assim, havia uma espécie de dinheiro que era pago aos policiais em troca de não serem batidos – era o caso de Stonewall que, dois mil dólares semanais, cobrava uma quantia em dinheiro à época, o horário das blitz policiais.

Silva (2011) frisa que a rebelião não se reduziu a um evento isolado no bar.

Em pouco tempo, centenas de pessoas cercaram a polícia, que dava continuidade à ação e, aos gritos, uma travesti dizia “já lhes deram o dinheiro, mas aqui tem um pouco mais!”; enquanto a multidão acompanhava nos gritos e jogando moedas. Com isso, a situação de confronto se intensificou. Uma das viaturas policiais presentes no local logrou sair, levando em seu interior alguns detidos, enquanto os demais policiais se refugiaram no interior do bar. Neste momento, alguns dos presentes arrancaram um parquímetro para usá-lo como artefato contra a porta do bar, de forma a aceder aos policiais entrincheirados, que resistiram em um primeiro instante com uma mangueira de combate a incêndios e, na sequência, com suas armas.

Em sequência, chegou uma unidade antidistúrbios, frente à qual a multidão continuou rebelando-se e atacando furiosamente até quatro horas da madrugada, quando se produziu uma provisória e relativa calma – provisória pois, nas noites que se seguiriam até 02 de julho, cerca de 2.000 homens e mulheres se enfrentariam com outros cerca de 400 policiais. Nestes enfrentamentos que se seguiram ao dia 28 de junho, a multidão ateou fogo em contêineres de lixo e lançou mão de pedras, tijolos e barricadas como instrumentos de enfrentamento e resistência às forças policiais. (SILVA, 2011, p. 141)

O Brasil precisou de mais dez anos depois de Stonewall para assistir à criação de um grupo homossexual organizado. Trata-se do grupo Somos, que funcionou de 1978 a 1983. Em 1976, após viver alguns anos em São Francisco, o escritor João Silvério Trevisan tentou reunir algumas pessoas para formar um coletivo, mas foram realizados apenas alguns encontros. Segundo James Green, após a primeira edição do jornal Lampião da Esquina, em abril de 1978, também com a organização de Trevisan, é que “uma dúzia de gays em São Paulo organizou um grupo que evoluiria para a primeira reunião pública de uma comunidade de liberais de ‘gay’”.



Figura 3: Rebelião no Stonewall. Ilustração

O Grupo Gay da Bahia foi fundamental para o funcionamento, de defesa dos direitos e da visibilidade do Brasil. O GGB foi registrado em 1983. A partir dos anos 90, segundo Regina Facchini (2005), o então MPT começou a se diversificar, com a criação de grupos locais. As lésbicas já participavam do movimento, mas com as pautas da maioria homossexual. Os grupos só delas. Marisa Fernandes

Elas (as lésbicas) começaram a fazer militância no movimento LGBT, em fevereiro de 1995, quando os gays, perceberam atitudes mais machistas de militância. Influenciadas pelo exemplo de homens como mulheres – e não apenas

de travestis da América Latina e a segunda do mundo, de acordo com Jovanna Baby. A Associação das Travestis e Liberados do Rio de Janeiro (ASTRAL) (CARVALHO e CARRARA, 2013, p. 326)

Um ano depois, em 1993, também na cidade do Rio de Janeiro, já era realizado o primeiro Encontro Nacional de Travestis e Liberados, que viria a se chamar EN'TLAIDS, com 95 participantes de cinco estados. Segundo Carvalho e Carrara (2013, p.328), depois disso surgiram outras organizações, como o Grupo Esperança, em 1994, em Curitiba; a Associação das Travestis de Salvador (ATRAS), em 1995; o grupo Filadélfia, também em 1995, em Santos; o grupo Igualdade, em Porto Alegre; e a Associação das Travestis na Luta pela Cidadania, (Unidas), de Aracaju, ambos em 1999.

Até o início dos anos 1990, travestis e transexuais não estavam formalmente incluídas no ainda chamado MHB (Movimento Homossexual Brasileiro). Foi a partir daí, quando este movimento começou a se apresentar mais claramente como uma ação coletiva cuja autoria se remetia a uma espécie de “federação” de diferentes categorias sociais, que elas puderam encontrar algum espaço de representação política. Foi em 1995 que, pela primeira vez, organizações de travestis participaram formalmente de um espaço do movimento, no VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas. Em seu âmbito criava-se a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT). O termo “travesti” passou então a fazer parte oficialmente da sigla, e também do nome dos encontros nacionais, como o que aconteceu em 1997, chamado de EBGLT (Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis)

Nesse momento, a letra “T” acrescida à sigla do movimento dizia respeito apenas a “travestis”. A entrada formal da categoria “transexual” é mais tardia, só passando a ter maior presença no cenário político nacional em meados da década de 2000. Porém, segundo algumas entrevistadas, ainda em 1995 teria sido criado o Grupo Brasileiro de Transexuais (GBT) (CARVALHO e CARRARA, 2013, p. 331)

Nos últimos dez anos, com a criação de diversos outros grupos e associações de travestis e o T da sigla, no Brasil tudo indica que a sigla oficial de intersexuais. Existe em vários lugares no Brasil uma movimentação para a inclusão do intersexo. Mais adiante explicaremos.

Por enquanto, a sigla oficial é LGBT. Em outros países, a exemplo do Brasil, bem mais extensa, como pode ser visto na parada da cidade de Montreal, no Canadá, explicamos cada uma dessas e outras.





Figura 5: Simone de Beauvoir. Foto: Wikimedia Commons



Figura 6: Foto: Pixabay

1.3 O que é e como foi construído o conceito de gênero?

Como vimos, é a partir da segunda onda que o feminismo começou a construir teorias e conceitos feministas. Um desses conceitos é o de gênero. Mas a categoria gênero, ao contrário do que muita gente pensa, não foi criada pelo feminismo.

Longe de ser uma criação da agenda feminista dos anos 60, a categoria gênero pertence ao discurso biotecnológico do final dos anos 40 (...). Para a rigidez do sexo do século XIX, John Money, o psicólogo infantil encarregado do tratamento de bebês intersexuais, vai opor a plasticidade tecnológica do gênero. Utiliza (ele) pela primeira vez a noção de gênero em 1947 e a desenvolve clinicamente mais tarde com Anke Ehrhardt e Joan e John Hampson para falar da possibilidade

estava colaborando com a discriminação feminino. Isso porque, inicialmente a genitália da pessoa) enquanto um dado da cultura. Como veremos, o sexo e gênero tem sido muito problemático assim como a relação entre natureza e cultura. Charles Darwin, e as leis do uso seja, inclusive esses dois naturais ditas “biológicas” e “naturais” que

Mas o conceito de gênero não é um debate e controvérsias que, a feministas alegavam ou alegam a categoria mulher por exemplo

O conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política. Ao dirigir o foco para o caráter “fundamentalmente social”, não há contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre essas características biológicas. (...) As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. (LOURO, 2014, p. 26)

Vejam como essas explicações são primorosas para atacar aquilo que alguns setores religiosos hoje em dia estão chamando de “ideologia de gênero”, sobre a qual trataremos em mais detalhes na terceira unidade deste livro. Gênero, para o feminismo, não é ideologia, mas uma categoria de análise útil para identificar e denunciar as relações e assimetrias entre os gêneros, entre homens e mulheres, em nossa sociedade.

O modo como cada corrente do feminismo pensa a categoria gênero varia conforme as suas perspectivas epistemológicas e políticas. Não faremos aqui uma revisão de todas essas perspectivas e visões diferenciadas dos feminismos e dos usos da categoria gênero. No entanto, trataremos a seguir como o sistema sexo-gênero passou a ser problematizado pelo feminismo queer, ou pelos estudos queer, em especial pela obra da feminista Judith Butler.



Figura 7: Preconceito. Ilustração: Carlo

1.4 O que são os estudos

Antes de tratar sobre as colaborações de gênero, situemos o seu pensamento. Começaram a ser desenvolvidos por pessoas pesquisadoras e ativas nos Estados Unidos.

Um dos primeiros problemas da Língua Portuguesa. “Queer pode ser entendido como um termo excêntrico, raro, extraordinário” para posicionar essa conhecida forma nos Estados Unidos. Segundo Butler

é heteronormatividade). Por isso, os primeiros trabalhos queer apontam que este modelo foi construído para normatizar as relações sexuais. Assim, pretendem desconstruir o argumento de que sexualidade segue um curso natural.

Ao contrário do que muita gente pensa no Brasil, os estudos queer não foram criados apenas a partir das universidades. Na verdade, antes da existência do que hoje chamamos de estudos queer, existiram alguns coletivos do movimento social que começaram a reivindicar a palavra queer e a relacioná-la propostas políticas diferenciadas daquelas mais usadas por determinados setores do movimento gay americano. Um desses grupos, em existência até hoje, foi o ACT UP (Aids coalition to unleash power), criado em 1987 para reivindicar políticas para combater a epidemia do HIV-Aids nos Estados Unidos. Outro grupo foi o Queer Nation, que fez sua primeira aparição na parada LGBT de Nova York de 1990. Esses grupos colaboraram para criticar a aderência das pessoas gays ao modelo heterossexual de vida (evidenciado na pauta prioritária do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo) e da mercantilização da “cultura gay”.

Ao mesmo tempo em que surgiam esses grupos, ocorria uma forte crise no feminismo dos EUA, iniciada na década de 1980, pois uma série de mulheres lésbicas, chicanas, não brancas e negras não se sentiam contempladas no feminismo branco de então. Esses novos ativismos e produções intelectuais que começavam a ser publicadas nas universidades foram chamadas, em 1990, por “teoria queer” pela feminista Teresa de Lauretis.

Os estudos queer são bastante diversos entre si, mas alguns aspectos os unem:

1. As críticas às normas de gênero e sexualidade e explicações sobre como elas foram construídas e naturalizadas ao longo do tempo;
2. As evidências de como as múltiplas identidades de gênero e orientações sexuais existem, resistem e se proliferam, por não serem entidades estáveis

5. E as críticas em relação a clássicos e os estudos de gênero.

Já a história sobre o surgimento de Richard Miskolci (2012) defende a portuguesa sobre o queer foi da pesquisadora Guacira Lopes de pensamento de Judith Butler e educação. O texto, intitulado *Teoria e educação*, foi publicado na *Revista de Educação*.

Fábio Feltrin de Souza e Felipe Louro, pesquisadoras como Karla Louro, e os pesquisadores Maria Lopes, em 1997, já haviam publicado.

Independente disso, para podermos nos perguntar: se as acima parecem corretas, por que o Brasil uma produção de conhecimento sintonizado com essas questões chamar de teoria ou estudos queer? Brasil, podemos encontrar várias como Nestor Perlonguer (1987) (1990). Esse último, estudioso do Brasil, já apontava como alguns de construir uma imagem respeitosa ou a de questionar padrões (MACRAE, 1982).

A partir da sua obra *Problemas de gênero*, Judith Butler fez uma série de reflexões sobre o sistema sexo-gênero e criou o que ficou conhecida como teoria da performatividade de gênero. Uma das reflexões diz respeito a separação estanque entre sexo (natural) e gênero (cultural). No entanto, diversas outras feministas, antes de Butler, já tinham problematizado o sistema sexo-gênero. Uma das mais conhecidas foi Gayle Rubin. Ela chamava atenção de que pensar o sexo e a sexualidade como uma continuidade do gênero é algo típico de um pensamento heterossexual. Para Rubin, são as homossexualidades que irão tornar essa visão mais complexa, ou melhor, irão provocar um curto circuito nesse sistema, um estranhamento.

Butler, por exemplo, retomou a clássica frase de Simone de Beauvoir (“não se nasce mulher, torna-se mulher”) para dizer que se, por um lado, a feminista francesa contribuiu para desnaturalizar o que hoje chamamos de gênero, por outro lado nos deu a entender que em algum momento o corpo da mulher esteve isento das normas de gênero. Em outras palavras: se alguém se torna mulher, em algum momento aquele corpo estava sem gênero, era uma página em branco, a cultura ainda não teria incidido sobre aquele ser.

Butler defende que essa é uma ideia errônea porque nós nunca estivemos livres das normas culturais (sejam elas de gênero ou não) sobre os nossos corpos. Pelo contrário, nós só passamos a existir enquanto sujeitos no momento em que ou outros determinam que somos homens ou mulheres. Hoje em dia, quando a gestante realiza a ultrassonografia e a profissional de saúde identifica o sexo do bebê, a partir daquele momento, sem nenhuma liberdade, o bebê passa a ter um gênero e todas as normas de gênero passam a incidir sobre aquele ser que sequer nasceu.

Figura 8: Sistema sexo-gênero. Ilustração

Mas Butler não para aí. O gênero, ela também faz interessa. Na verdade, ela reflete sobre como sigam uma linha reta e “coerem sexual. Se eu tenho um determinado e, além disso, desejar um sexo/ele/ela. No entanto, questiona F gênero oposto ao seu. Outras de praticam e não desejam. Ou seja, linha coerente entre essas dimensões seguem essa linha. São essas pessoas causados pela falta de respeito à

Para Butler, ao exigir que todos os indivíduos estejam trabalhando para manter a sociedade funcionando, ela está afirmando que todos os indivíduos devem trabalhar para manter a sociedade funcionando.

sexuais, pois o desejo escapa mais, ele pode residir apenas nos pensamentos e fantasias das pessoas e nunca ser efetivamente praticado. Se isso é verdade, quem nos garante que a prática sexual tida como heterossexual seja mesmo, no plano do desejo, heterossexual? Esse tipo de questionamento serve para borrar a tal coerência entre desejo e prática sexual e demonstrar que não são apenas as pessoas que se identificam como LGBT que fissuram essa linha.

Depois de fazer uma rigorosa reflexão teórica sobre vários estudos feministas, da psicanálise, da antropologia e da filosofia, Butler chega ao capítulo final de *Problemas de gênero* para defender a tese de que o gênero é performativo. Mas o que afinal ela quer dizer com isso? De John Austin, Butler usa a conhecida tese dos atos performativos. O linguista defendeu que as palavras não apenas descrevem algo, mas que elas também têm o poder de criar aquilo que enunciam. Por exemplo: quando um juiz ou sacerdote diz “eu vos declaro marido e mulher”, a partir daquele momento essas pessoas envolvidas passam, efetivamente, a ser aquilo que o enunciado determinou.

A mesma associação Butler fez para a frase “é menino ou é menina” proferida, atualmente, antes mesmo do parto, no momento da ultrassonografia realizada nas gestantes. A partir desse momento, aquele pequeno feto já passa a ter um gênero e sobre ele incidem as normas de gênero construídas e impostas pela sociedade. Antes de chegar nesse momento, Butler já havia esmiuçado o mecanismo de funcionamento da heterossexualidade compulsória e da heteronormatividade, revelando como ambas se sustentam através da exigência da linha coerente entre sexo-gênero-desejo e prática sexual.

Assim, Butler defende que, além de obrigar que todos sejamos heterossexuais (heterossexualidade compulsória) ou que, mesmo que não

de nascermos e essas formas é que nós fazemos, via de regra, de gênero e sexualidade.

Mas, com a influência das referências que Butler faz a Judith Kosofsky Sedgwick, Butler desmonta as essas normas e que esses males ‘humaniza’ os indivíduos na sociedade. O fato habitualmente punimos os indivíduos pelo gênero. Os vários atos de gênero não haveria gênero algum” (Butler, 2006).

No final de *Problemas de gênero*, Butler defende que a prática de drugs queen, pois enxerga a diferença entre si: sexo anatómico de gênero. Essas performances de gênero. Essas performances de gênero artístico, para ela, não são fundamentais para Butler ter a ideia de “Ao imitar o gênero, a drag queen cria o próprio gênero – assim como su-

Para

De uma forma resumida, podemos entender como a repetição das no-

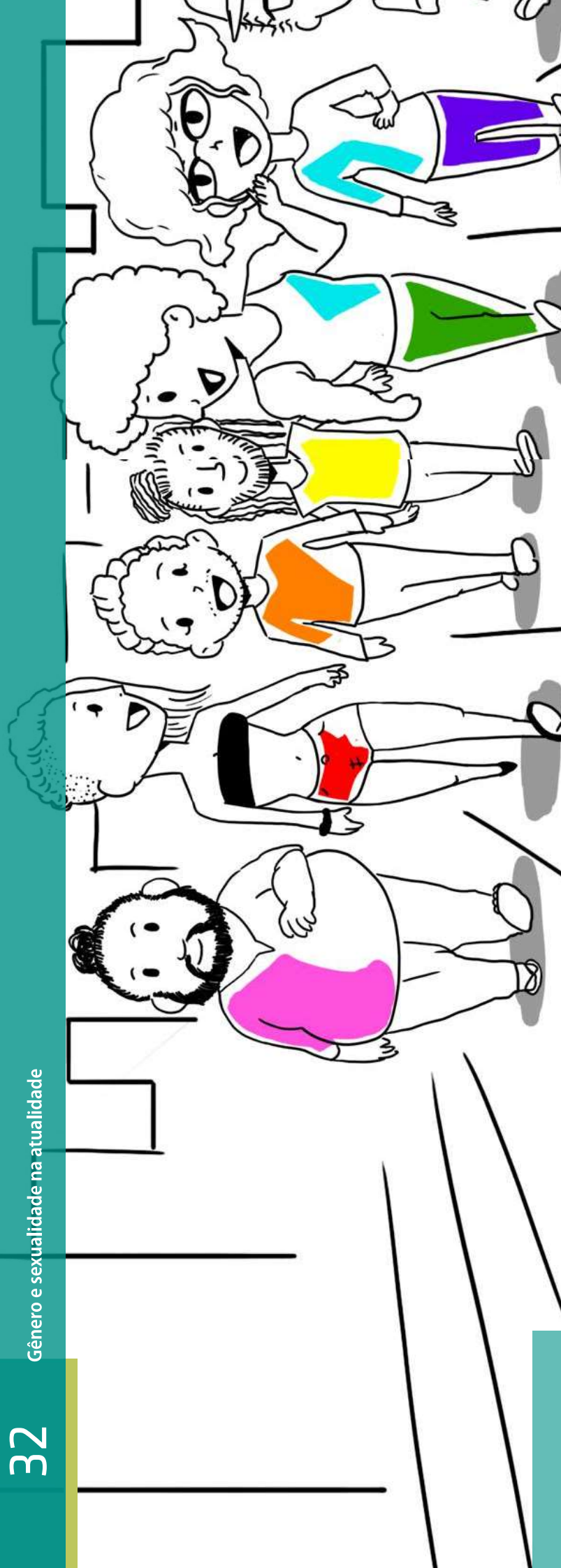


Figura 9: Identidade de gênero. Ilustração

1.6 O que é identidade de gênero? – cisgênero, transexual, travesti, pessoa não binária, gênero fluído, transgênero

Ao falarmos de diversidade de gênero evidenciamos que existem mais do que dois gêneros (homem e mulher, masculinidade e feminilidade). Como vimos, a sociedade, via de regra, trabalha para que todas as pessoas tenham apenas uma identidade de gênero, determinada pelo sexo, e que essa seja pura e tida como normal e natural. Mas, apesar disso, muitas pessoas quebram esse binarismo de gênero. Ou seja, essa dicotomia não contempla uma série de pessoas, inclusive pessoas que se identificam como heterossexuais. Por exemplo, um homem heterossexual mais afeminado

(VERGUEIRO, 2015), que deseja pessoas sejam cisgêneras em nome de uma explicação simples é que sua identidade de gênero foi designado em seu nascimento. Kaas, outra importante ativista

O alinhamento cis envolve um senso de congruência entre a identidade (morfologia) e seu gênero, dentro de uma sociedade que é percebido como coerente. Em 'mulher', se sente bem com isso e, portanto, é politicamente coerente)

Viviane Vergueiro (apud DUMARESQ, 2014) define cisgeneridade

(...) como um conceito analítico que eu posso utilizar assim como se usa heterossexualidade para as orientações sexuais, ou como branquitude para questões raciais. Penso a cisgeneridade como um posicionamento, uma perspectiva subjetiva que é tida como natural, como essencial, como padrão. A nomeação desse padrão, desses gêneros vistos como naturais, cisgêneros, pode significar uma virada descolonial no pensamento sobre identidades de gênero, ou seja, nomear cisgeneridade ou nomear homens-cis, mulheres-cis em oposição a outros termos usados anteriormente como mulher biológica, homem de verdade, homem normal, homem nascido homem, mulher nascida mulher, etc. Ou seja, esse uso do termo cisgeneridade, cis, pode permitir que a gente olhe de outra forma, que a gente desloque essa posição naturalizada da sua hierarquia superiorizada, hierarquia posta nesse patamar superior em relação com as identidades trans, por exemplo.

Muitas pessoas transgridem de uma forma mais intensa as normas de gênero, a exemplo das travestis, transexuais, transgêneras, pessoas não binárias, com gênero fluido etc. Existem uma série de expressões, constantemente criadas e recriadas, com as quais as pessoas preferem ser identificadas em relação aos seus gêneros. No Brasil, em geral, quando se fala em travestis imediatamente as pessoas pensam em pessoas que “nasceram homens e se vestem de mulher” e fazem algumas intervenções no corpo, como uso de silicone (em especial nos seios e nas nádegas). Mas qualificar as travestis como “homens que se vestem de mulher” é algo transfóbico porque desrespeita essas pessoas em sua identidade. As travestis são pessoas que tiveram um corpo lido como masculino e que se identificaram fortemente com o universo feminino e, por isso, realizam variadas mudanças corporais e comportamentais. A identidade dessas pessoas é feminina e o indicado é que todos/as respeitem essa identidade e, por isso, o correto é dizer “as” travestis, e não “os” travestis. Além disso, é preciso dizer que a palavra

geração”, composta por jovens e o do silicone. Muitas dessas pessoas para espanto de algumas travestis e as mais jovens de “as gays”, que o último estudo sobre o tema foi publicado no livro *Montagens e entre travestis adolescentes*.

Já as pessoas que se identificam em geral são caracterizadas pela a chamada “cirurgia de mudança errada porque vários estudos a dos produzidos por Berenice F *reinvenção do corpo*), apontam que a identidade transexual, mas que a cirúrgica de “mudança de sexo” em realizar parte do processo de retirar os seios, tomar hormônios no corpo etc.

Aí algumas pessoas perguntam: são travestis? Não. Por que não? e cada identidade é composta por nunca deixam de ser criadas e rígidas do que é ser, por exemplo, faz boa parte do discurso médico estamos falando de identidades as pessoas desejam ser identificadas como transexuais possuem diferenças não podem ser reduzidas sexual. Existem modos de ser t

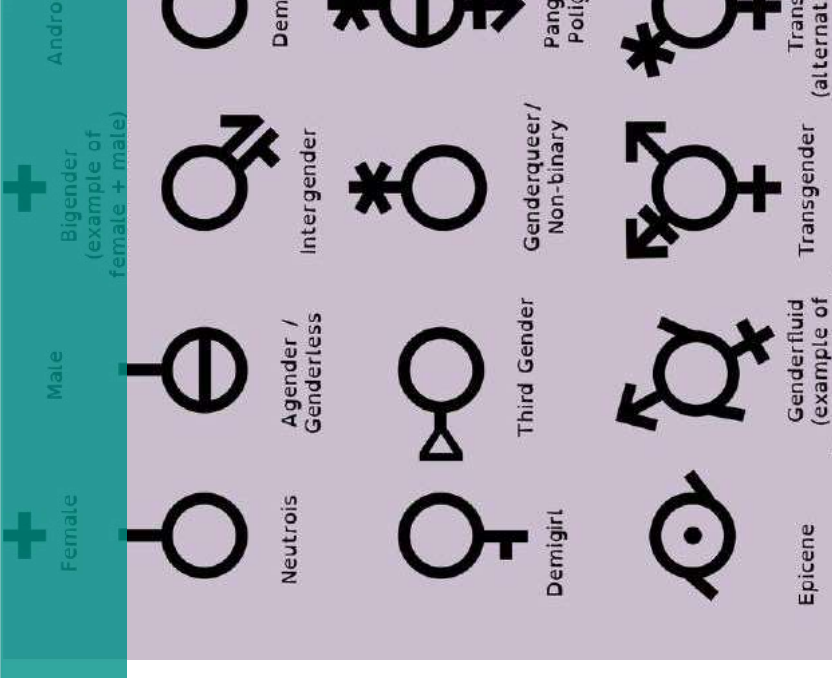


Figura 10: Símbolos de gênero. Por Caa

doenças mentais na nova versão da Classificação Internacional de Doenças, a CID-11, divulgada no dia 18 de junho de 2018. A transexualidade, porém, continua no CID, como “incongruência de gênero”, dentro da categoria de condições relativas à saúde sexual. Ou seja, para que uma pessoa tenha acesso ao Sistema Único de Saúde e tenha o direito de realizar o chamado processo transexualizador, ela precisa passar por um longo acompanhamento médico e ser considerada uma pessoa portadora de uma “incongruência de gênero”.

Definir o que são pessoas transgêneras também é um desafio. Algumas pessoas pesquisadoras e ativistas usam o termo como um guarda-chuva para se referir a todas as pessoas que, de alguma forma, transitam entre os gêneros mais conhecidos (ou seja, o masculino e o feminino). Indianare Sophia, importante ativista no Rio de Janeiro, utiliza o conceito de “transvestigênera”. As pessoas transgêneras, que também podem se identificar como não-binárias, gênero fluido ou outras expressões, lidam de outra forma com a ideia de transitar entre os gêneros. Em determinados dias, elas podem estar a fim de sair de casa com alguns elementos marcados como do universo feminino (algumas peças de roupa, maquiagem, joias, adereços etc.) e em outros dias estão mais identificadas com o que é considerado como universo masculino e assim se vestem e comportam. Isso não tem nada a ver com performances artísticas, estamos falando da vida cotidiana.

Além disso, pessoas transgêneras não aspiram o gênero que é tido pela sociedade como oposto ao seu, desejo que é bastante comum nas (mas não em todas) travestis e transexuais. Elas (as transgêneras) não se identificam nem como homens e nem como mulheres porque não se identificam com o que a sociedade construiu como dicotômicas identidades masculinas e femininas. Essas pessoas se sentem bem no trânsito e, com isso, estão sempre construindo novas combinações de gênero. Todos nós cotidianamente construímos o nosso gênero, nos “montamos”, para usar uma expressão usual do universo drag. A diferença é que as pessoas transgêneras fazem

Síntese

Gênero é uma categoria de análise variadas e misturadas. Pensar que operação que exclui outras formas na atualidade. Todas as pessoas os dois gêneros mais conhecidos outras, nós também não construímos de gênero. Aliás, temos muito pouca identidade de gênero porque ela é nosso nascimento.

Dicas de leituras

Para saber mais sobre a história do movimento feminista:

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

Para saber mais sobre a história do movimento LGBT no Brasil:

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: o movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009

Para saber sobre movimentos LGBT e queer de outros países:

COLLING, Leandro. *Que os outros sejam o normal* – tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador: EDUFBA, 2015 – Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/21766>

Para saber mais sobre os estudos queer

COLLING, Leandro e THÜRLER, Djalma (org.). Estudos e políticas do CUS. Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade. Salvador: EDUFBA, 2015. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/13177>

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Para saber mais sobre questões trans

ÁVILA, Simone. *Transmasculinidades* – a emergência de novas identidades políticas e sociais. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

BENTO, Berenice. *Transviad@s* – gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.



Unidade 2

Já vimos que a separação entre explicar, de modo didático, essas nossas vidas concretas, nossos generificados. Mas isso não quer ou sexualidade são sinônimos, q mais respeito às práticas sexuais tificam em relação a essas suas então refletir um pouco mais sob

2.1. O que é homofobia?

Homofobia é um conceito criado para explicar a fobia aos homossexuais, ou fobia aos (2001, p.21), o termo parece publicado em 1971, tentou analisar a homofobia. Um ano depois, C



Existe também a violência verbal, via insultos e xingamentos; a violência psicológica, como as atitudes que causam danos emocionais e à autoestima, tais como constrangimentos, humilhações, insultos; a violência simbólica, que se baseia na produção de representações de normalidade e anormalidade e faz com que os sujeitos se reconheçam nessas representações, isto é, se vejam a partir das construções do discurso do Outro.

Borrillo diferencia vários tipos de homofobia (irracional, cognitiva, geral e específica) e depois sintetiza:

A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social, a respeito daqueles e daquelas de quem se supõe que desejam indivíduos de seu próprio sexo o tenham práticas sexuais com eles. Forma específica de sexismo, a homofobia rechaça também a todos os que não se conformam com o papel pre-determinado para seu sexo biológico. Construção ideológica consistente na promoção de uma forma de sexualidade (hétero) entre detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e extrai dela consequências políticas (BORRILLO, 2001, p. 36).

Ou seja, a homofobia, nesse sentido, não seria apenas um problema para os homossexuais, mas também poderia atingir os heterossexuais que, porventura, pareçam, aos olhos homofóbicos, como homossexuais.

O conceito de homofobia é controverso e, ainda que muitas pessoas defendam o seu uso, em função dele já ter sido incorporado por boa parte da sociedade, ou que o ampliem para além de aspectos de ordem psicológica, como faz Junqueira (2007), a ideia de fobia está, queiramos ou não, dentro do campo das patologias. Enquanto isso, sabemos que aprendemos no dia-a-dia quem deve ser respeitado e quem pode ser injuriado, portanto, não estamos falando de uma patologia em sentido estrito/inato, mas de um problema social/cultural e, se for o caso, de uma patologia produzida pelas normas hegemônicas em torno das sexualidades e dos gêneros.



Figura 13: Heterossexualidade compulsiva

2.2 O que heterossexualidade é? heteronormatividade?

Uma pessoa é heterossexual quando o sexo/gênero oposto ao seu é heterossexual. No entanto, alguns sexos/gêneros iguais ao seu e outros heterossexuais também são heterossexuais. Gilmaro Nogueira, por exemplo, afirma que homens que praticam sexo com outros homens são “heterossexuais passivos” e “heterossexuais ativos”.

São homens que se identificam com o masculino e que mantêm relações afetivo-sexuais com outros homens. São homens que se identificam com o masculino e que mantêm vínculos matrimoniais ou casuais com outros homens.

do primeiro em questão. “O macho era o que penetrava outros homens e as bichas eram penetradas. O homem que penetrava não perdia o status de macho, inclusive em algumas situações tal fato era uma prova de sua virilidade” (NOGUEIRA, 2017, p. 30).

As outras orientações mais conhecidas são a homossexualidade e a bissexualidade, que veremos logo em seguida. Como já anunciamos acima, os estudos queer não entendem a heterossexualidade apenas como mais uma entre as várias orientações sexuais que dispomos em nossas vidas. Pelo fato de a sociedade exigir, na base de muita violência, que todos sejamos heterossexuais, os estudos queer argumentam que a heterossexualidade é compulsória, ela é obrigatória sobre todas as pessoas, exceto em pouquíssimos casos.

Ao evidenciar que a heterossexualidade é obrigatória/compulsória, os estudos queer desnaturalizam a heterossexualidade. Ou seja, ela deixa de ser vista como algo natural ou normal, no sentido de que é um curso normal para a vida de qualquer pessoa.

Quando dizemos que a sexualidade de alguém não é natural ou “normal” não queremos dizer, com isso, que as pessoas são doentes. Apenas queremos dizer que a sexualidade de cada pessoa não é intrínseca ou o resultado de ações exclusivas de cada um de nós. Ou melhor, que as nossas sexualidades sofrem fortes influências do meio em que vivemos. Por isso, provocamos ao dizer que, na verdade, todas as sexualidades são, de alguma forma, “anormais”. O objetivo da provocação é o de retirar o carimbo de “anormalidade” apenas de determinadas expressões da sexualidade.

O conceito de heterossexualidade compulsória começou a aparecer por volta de 1980. Neste ano, dois textos importantes foram publicados sobre

Através desses mecanismos psicológicos à heterossexualidade é atribuído um modo prescrito de experiência lésbica, essa do mesmo que de modo diferente.

Também pensando a heterossexualidade não usando as palavras heterossexual, em 1980, o texto *O perigo da heterossexualidade* é um texto que a heterossexualidade é um modo de reproduzir para sustentar a sociedade não se submeterem a esse regime não são mulheres”. Para ela, a heterossexualidade é um regime político e sexual, mas um regime político e sexual das mulheres. O feminismo, a heterossexualidade, a heterossexualidade ajudar a consolidá-lo.

A heterossexualidade compõe os sujeitos sejam heterossexuais ou não, considerada normal de vivência estruturada através do dualismo heterossexual, sendo que a heterossexualidade ocorre, por exemplo, quando há um fetiche vigente ainda hoje que se dizem pró-LGBT. Ao tratar o homossexual, colocamos a heterossexualidade no princípio na vida humana, do que

Mesmo que não considerem a heterossexualidade ou patológica, cada vez que se trata de heterossexualidade que a origina, nós naturalizamos

fossem homossexuais a vida humana na terra estaria ameaçada. Tudo isso revela o poder do discurso naturalizante e reprodutivo sobre as nossas sexualidades. No entanto, na maioria das vezes, as pessoas praticam sexo por prazer e não para procriar. Além disso, faz muito tempo que os homens perderam a capacidade de identificar quando uma mulher está em sua época reprodutiva. Ao ingressar em uma nova etapa do processo histórico da humanidade, que Freud (2010), por exemplo, chamou de “civilização” ou de “cultura”, os homens e mulheres domaram os seus instintos e, no mínimo, os transformaram em “pulsões”.

O conceito de pulsão é complexo, é “aquilo que está entre o mental e o somático” (BIRMAN, 2009) e aqui pode ser traduzido entre aquilo que diz o corpo (biologia/instinto “natural”) e a mente. Ou seja, a nossa sexualidade não pode mais ser explicada como um dado exclusivo de nossos instintos, hormônios etc desde, pelo menos, Freud, lá pelos idos de 1900. É evidente que temos cargas hormonais diferentes entre homens e mulheres, mas não são elas que acionam sozinhas os nossos prazeres e não são apenas elas que comandam o nosso processo de identificação em relação às orientações sexuais e identidades de gênero.

Em uma sociedade como a nossa, midiática e dominada pela produção de corpos em academias e pela ingestão de uma série de produtos químicos (PRECIADO, 2008), as identificações e os prazeres são acionados por um sem número de outras coisas, a exemplo de imagens, padrões corporais, experiências anteriores, associações que fazemos de forma consciente ou não. Isso não quer dizer que a ação de apenas uma pessoa seja determinante para a sexualidade de alguém. Os processos de identificação, todos eles, desde porque gostamos de determinada cor e não outra, sofrem milhares de

em tese, em muitos lugares do mundo “ciência” tenha retirado a homossexualidade da lista das doenças, no senso comum normal e sadio é ser hétero. Além disso, partem ainda da heterossexualidade como o dualismo hétero versus homossexual.

Já o conceito de heteronormatividade foi introduzido, em 1991, por Michael Warner, no livro *Teoria da cultura*. Isto é, se antes essa ordem social. Hoje a ordem sexual exige que todas as vidas conformem o modelo “supremacia da heterossexualidade”.

Enquanto na heterossexualidade as práticas sexuais heterossexuais são consideradas doentes e precisam ser tratadas, a heteronormatividade as torna com a heterossexualidade como a norma. Entre sexo e gênero (BUTLER, 1990), devem se comportar como machos e fêmeas, devem ser femininas, delicadas, homossexuais, inclusive fora do universo feminino, nem uma coisa nem outra, nem masculino.

Enquanto a heterossexualidade

o privilégio de exibirem suas afetividades em público, nas novelas, filmes e propagandas sem serem punidos por isso. Para organizar a sua vida conforme a heteronormatividade, os homossexuais devem fazer tudo o que um heterossexual faz. Assim, o ritual do casamento e a adoção de crianças se transformam em um simulacro da sexualidade reprodutiva.

Miskolci (2012) sintetiza:

Heterossexismo é a pressuposição de que todos são, ou deveriam ser, heterossexuais. (...) A heterossexualidade compulsória é a imposição como modelo dessas relações amorosas ou sexuais entre pessoas do sexo oposto. (...) A heteronormatividade é a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero (MISKOLCI, 2012, p. 43-44).

2.3. O que é homossexual, bissexual, pansexual, ass...

A pessoa homossexual é aquela que tem o mesmo sexo/gênero e se identifica com esse sexo/gênero. Essas pessoas podem se identificar com a palavra/categoria homossexual. Às vezes, se identificam como gays ou lésbicas. Ao longo do módulo, as palavras gays e lésbicas possuem uma longa história e evoluíram. Hoje, um modo como determinar a orientação sexual de uma pessoa é através das palavras que ela usa para se referir a si mesma. Algumas dessas palavras podem ser consideradas ofensivas.

No entanto, em alguns contextos, essas palavras são usadas de forma positiva. Por exemplo, algumas pessoas preferem ser chamadas de gays e lésbicas. Embutido nessa escolha está um entendimento da situação e contexto. Dependendo da situação e contexto, o uso de certas palavras pode ser ofensivo. Portanto, modo de ser e estar são importantes. De alguma forma, o mesmo indivíduo pode ser considerado homossexual em uma situação e contexto, e não homossexual em outra. É importante destacar que o uso de certas palavras deve partir das pessoas e não de outros. Isso porque quando um indivíduo se identifica como homossexual, ele não quer que essa identificação permaneça no significado dessas palavras.

Já na bissexualidade, a pessoa se identifica com mais de um sexo/gênero ou com o oposto do seu próprio.



com a maior divulgação dos estudos e perspectivas queer, algumas pessoas também transformaram o queer como uma identidade. Como vimos anteriormente, o queer é, a princípio, algo estranho, difícil de definir, que rejeita classificações. Apesar disso, ou talvez exatamente por isso, tenha contemplado uma série de pessoas que hoje já o incluem na sigla do movimento social de vários países.

2.4 – O que intersexo ou intersexualidade?

Definir o que é intersexualidade é algo complexo porque ela pode se apresentar de diversas formas nas pessoas e ser “descoberta” e/ou identificada em qualquer idade. No entanto, em muitos casos, a definição reside na ambiguidade da genitália e/ou gônada das pessoas intersexuais. Mas essa diferença e ambiguidade têm como referência o arbitrário padrão de normalidade binário socialmente instituído, a de que todas as pessoas se enquadrem em duas estreitas categorias: macho (com pênis) ou fêmea (com vagina).

Segundo Nádia Pino (2007, p. 154), dentro do espectro de possibilidade de apresentação de casos de intersexualidade, apesar de ocorrer com mais frequência casos de genitália ambígua ou indefinida, existem situações nas quais as pessoas “nascem com órgãos genitais identificáveis com um sexo, mas estes não são representativos daquilo que é considerado ideal – clitoris grandes e pênis pequenos são chamados de ‘femininos masculinizados’ ou ‘masculinos feminilizados’”.

Pino ressalta outra situação: as pessoas que “nascem com todas as características hormonais, genéticas, do sexo, por exemplo, uma mulher com cromossomos XX, com útero, ovários, mas sem vagina. Ou nos casos em que as pessoas nascem com mosaicos genéticos como XXY” (PINO, 2007, p. 154, 155). A

gônadas masculinas e femininas foram criadas nomenclaturas e profissionais da medicina ocidental “pseudo-hermafroditismo”.

No segundo período (da década das primeiras cirurgias “des-construção” de um “sexo verdadeiro”, tornou-se possível graças ao exemplo da anestesia, fundamentalmente, a partir da emenda defendida, entre outros, por

Para Money, as pessoas não têm uma definição, de modo que o seu sexo não é definido por maiores prejuízos de vida sem maiores prejuízos de nada, seguiria “normal”. Colling e Santos (2011), é interessante um giro de perspectiva a estável para torná-lo autônomo e gônadas. No entanto, apesar da binariedade do sexo não foram considerados frutos de diferentes tratamentos para se tornar homens

Segundo Machado (2008), M de um bebê submetido a uma cirurgia Reimer sofreu um grave ferimento cuncisão e passou por diversas intervenções à família para que David se tornasse

No entanto, o modelo centrado no argumento principal o de que

Síntese da unidade

Assim como verificamos na unidade anterior em relação às identidades de gênero, as orientações sexuais também podem ser variadas e misturadas. Além de existir mais do que duas identidades de gênero, também existem mais do que duas orientações sexuais. Se pensarmos que existem apenas uma ou duas orientações sexuais, excluimos, jogamos para a margem, um conjunto de pessoas que não se identificam dentro deste binarismo. Todas as pessoas possuem uma orientação sexual, que também não está imune das pressões sociais do meio em que vivemos. Essas pressões foram nomeadas pelos estudos através dos conceitos de heterossexualidade compulsória e heteronormatividade.

Ao chegarmos neste momento das reflexões fica mais nítido aquilo que anunciamos no início do módulo: sobre como gênero e sexualidade estão inter-relacionadas. Uma pessoa cisgênera, para ser considerada e respeitada como tal, para ser tida como um homem ou mulher “de verdade”, precisa também ser heterossexual. As pessoas homossexuais, no mesmo sentido, em função das suas práticas sexuais, não preenchem todos os requisitos do que se espera de um homem ou mulher “de verdade”. E se pensarmos nos gays afeminados ou nas lésbicas masculinizadas também perceberemos os cruzamentos entre identidades de gênero e sexualidade. Além disso, essas questões ficam ainda mais ricas e complexas quando pensamos as transexualidades ou travestilidades, que são identidades de gênero, com os modos como essas pessoas se identificam em relação às suas orientações sexuais. Aí as combinações se ampliam ainda mais e podemos ter, por exemplo, uma mulher transexual ou travesti que tem uma relação sexual e afetiva com outra mulher e que se identifica como lésbica. Ou um homem transexual que se relaciona com um outro homem cisgênero e homossexual e se identifica como gay. Não é incrível esse universo?



Figura 15: imagem de Rawpixel

Dica

COLLING, Leandro (org.). *Stonewall*. Disponível em <https://repositorio.cult9-RI.pdf>

COLLING, Leandro (org.). *Dissidência*. 2016.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. *Linguagem e subversão da heteronormatividade*.

MACHADO, Paula Sandrine. *O sexo e a linguagem*.

Unidade 3 - polêmicas e gênero e se



A terceira e última unidade de conteúdos e polêmicas que tem a ver com a sexualidade e o gênero. Na medida em que é mais visível, através das representações culturais, e conquistou o status de civilização e a retificação da civilização, no Brasil, através de seus setores conservadores passaram a ser o objetivo a seguir é o de entender as políticas de resistência e de empoderamento das pessoas.

3.1. O que é ideologia de gênero

Um dos tensionamentos mais recentes das pessoas feministas e LGBT tem a ver com a “ideologia de gênero”. Mas o que é isso? É uma categoria de pensamento que busca explicar a sociedade a partir da divisão de gênero. Mas o que é isso? É uma categoria de pensamento que busca explicar a sociedade a partir da divisão de gênero.

Lembremos que, ao longo do pontificado do papa polaco, houve uma importante mudança no registro discursivo da Igreja sobre a ordem sexual. A “Teologia do Corpo”, apresentada por ele com a colaboração de Joseph Ratzinger e reafirmada por seus sucessores, postula que as disposições da mulher (como o amor materno, por exemplo) são naturais e próprias dela e que derivam da sua anatomia e da sua psicologia “particular”. A mulher deixou aí de ser representada como meramente subordinada ao homem para tornar-se sua complementar. Ora, isso não implicava um arrefecimento na doutrina. Pelo contrário. (LOWENKRON e MORA, 2017, s/p)

3.2 Equívocos recorrentes sobre gênero e sexualidade

Quem defende que feministas e/ou pessoas LGBT querem impor uma “ideologia de gênero” na sociedade em geral comete uma série de equívocos. Iremos elencar apenas alguns dos mais recorrentes a seguir.

Primeiro: defendem que a homossexualidade não é “natural e normal” e, por isso, as pessoas homossexuais devem ser curadas e não devem ter direitos. Defendem, inclusive, que a homossexualidade volte a ser considerada uma doença. Como todos sabem, no dia 17 de maio de 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou o “homossexualismo” da lista internacional de doenças. No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia emitiu a resolução 01/1999, que proíbe qualquer psicólogo/a realizar algum tratamento para reverter a homossexualidade de algum paciente¹. Realmente, os estudiosos da sexualidade ainda não chegaram a um consenso sobre se existe ou não algum componente genético que interfira ou gere a orientação sexual homossexual. Mas isso jamais poderia ser uma razão para defender a patologização, a violação e o ódio para com as pessoas

de um complexo processo de identificação ou identidade é legítima. A heterossexualidade, a bissexualidade e a homossexualidade, a diversidade de vivenciar as múltiplas sexualidades.

Por isso, se a pergunta é qual também nos perguntar, com heterossexualidade. Assim como de um “gene gay”, também não é isso os heterossexuais devem efetivamente sabemos é que detodas as pessoas devem ser heterossexuais que se torna uma norma que todos os

Segundo: as pessoas LGBT são “destruídas a família”. Ao acionar a mãe, filhos), os conservadores estudadas por pesquisadores/a estudos?

1. A família é também fruto de uma configuração familiar deficiente dos clãs, que são anteriores, nos quais as noivas eram pobres, em especial a família é tipicamente burguesa. A diversidade de combinações, com filhos, amigos, ou com apenas um tipo de constituição familiar, constituições familiares que existam para além da população LGBT.

4. *Muitas pessoas LGBT gostam tanto dessa constituição familiar nuclear e burguesa que desejam constituir uma, mas dentro de uma perspectiva ampliada, um pouco diferente. Tanto isso é verdade que o Supremo Tribunal Federal reconheceu, em 5 de maio 2011, a união estável entre pessoas do mesmo sexo no Brasil. O STF entendeu que o artigo 3º, inciso IV, da Constituição Federal, veda qualquer discriminação em virtude de sexo, raça, cor e que ninguém pode ser diminuído ou discriminado em função de sua orientação sexual.*

Terceiro: defendem que os homossexuais disseminam o que chamam de uma “cultura de morte” ou “estilo de morte” e não “estilo de vida”. Para essas pessoas, as doenças sexualmente transmissíveis, a depressão e até o número de suicídios de jovens homossexuais comprovariam a sua “tese”. Os homossexuais é que seriam culpados por serem vítimas da Aids e por cometerem suicídios. O que os movimentos sociais e os estudos mais respeitadas informam é que a Aids vitimou e ainda vitima mais a população LGBT porque, entre várias outras razões, governos conservadores como o de Ronald Reagan, nos Estados Unidos, não realizaram rapidamente ações de combate à disseminação do vírus HIV porque, inicialmente, ele estava atingindo mais os homossexuais. Além disso, é preciso considerar que os suicídios de LGBT são motivados pelo fato de determinados heterossexuais radicais não aceitarem a diversidade sexual e de gênero existente em nossa sociedade.

Quarto: relacionam sempre a pedofilia com a homossexualidade, como se essa prática criminosa não fosse encontrada entre a população heterossexual. Pedofilia não é uma orientação sexual e pode ser encontrada em qualquer identidade de gênero ou orientação sexual.

Quinto: toda e qualquer ação nas escolas e universidades que vise o respeito à diversidade sexual e de gênero teria como o objetivo de ensinar os estudantes a serem homossexuais. Na verdade, o que os movimentos sociais e educadores defendem é que a escola seja um local que ensine o respeito

Sexto: os conservadores promovem a ideia de que não exista um de uma ideia que atenta para uma separação entre a religião e o Estado. Portanto, essa ideia representa o Direito e violenta todas as demandas com as suas leituras de mundo.

Sétimo: os Estudos de Gênero defendem a ideia de discriminação de sexo nas unidades 1 e 2 deste livro, como esses dois grandes tipos seja, as pessoas não são apenas mas porque a sua anatomia com algo que confere à pessoa uma racionalidade para homens) ou para mulheres). Além disso, as pessoas ou feminino – que é considerado discriminadas apenas pelo seu mas pela forma como desejam o vestuário, formas de relacionam

Oitavo: uma criança necessita de uma personalidade. Outro imeto a psicologia já elucidaram há o precisamos de referências tidas femininas, mas que esses papéis quem tem vagina ou pênis, mas seu sexo, orientação sexual ou g

3.3 Genes determinam a homossexualidade?

Existe algum um componente genético que determina a homossexualidade? Para alguns geneticistas, algumas pesquisas já poderiam explicar o que leva alguém a ser homossexual. No entanto, se lermos com atenção os textos oriundos dessas pesquisas mais referenciadas veremos que elas não são conclusivas.

Um dos textos citados pelos geneticistas é *Genetic and environmental influences on sexual orientation*², que faz uma síntese de dezenas de estudos que tentaram encontrar componentes genéticos para explicar a orientação sexual das pessoas. Segundo os autores, o método mais utilizado foi o de estudo com gêmeos. Sobre essas pesquisas, os próprios autores apontam que é necessário pesquisar mais porque, por exemplo, muitas vezes foram escolhidos apenas gêmeos que viveram juntos ao longo das suas vidas (e os que têm a mesma carga genética e viveram em espaços culturais diferentes?), além das amostras ainda serem discutíveis.

Ao final do texto, eles dizem: “Durante as últimas duas décadas, acumulou-se um crescente corpo de evidências sugerindo que os fatores genéticos e familiares afetam tanto a orientação sexual masculina e feminina. A evidência genética é substancialmente mais forte para o sexo masculino do que para orientação sexual feminina”. Ou seja, além de apenas “sugerir” e não concluir de forma determinante, existe aí mais um problema de pesquisa: por que a genética poderia explicar a orientação sexual homossexual dos homens e não a das mulheres?

Ainda sobre as pesquisas com gêmeos, elas apontariam que, quanto mais similaridade genética existir entre eles, se um deles for gay existe maior probabilidade de que o outro também o será. Mas isso não ocorre em 100%

Outra pesquisa foi publicada em *in cerebral asymmetry and functional heterosexuality subjects*⁴. Os pesquisadores encontraram uma similaridade entre o cérebro de homossexuais. Participaram de 25 mulheres homossexuais, 25 mulheres heterossexuais, 20 mulheres homossexuais. Por meio do próprio texto dos autores do estudo a realizar pesquisas mais amplas, uma melhor compreensão da natureza dos próprios autores do estudo genética determina a orientação sexual precisam ser realizados.

Outra pesquisa apontaria que a capacidade de identificar o cheiro para identificar cheiros. Outro problema da prática sexual dos animais comparada com a humana, é que existe apenas em humanos, os machos dominados, de forma hegemônica domesticados, ainda que existam todas as normas de gênero e sexualidade.

Retomemos então algo que já vimos. Os estudos da sexualidade ainda não existem ou não algum componente sexual homossexual, mas oferecem as pessoas, ao longo de suas vidas, uma sexual e determinada identidade.

Diversos pesquisadores perguntam se a orientação sexual é determinada



Figura 17: imagem de Rawpixel

A imensidão e riqueza desses outros fatores ficam obscurecidos nesses debates que envolvem as chamadas “ciências duras”.

De qualquer forma, o que militantes desejam é discutir Direitos Humanos, porque determinadas pessoas têm mais direitos e outras não. Por que determinadas pessoas são mais respeitadas, podem continuar vivendo, e outras podem continuar sendo assassinadas aos milhares a cada ano por causa das suas orientações sexuais e identidades de gênero? E qual o papel da escola nesse processo todo? Essas questões serão debatidas no próximo componente curricular.

Síntese da unidade

“Ideologia de gênero” é uma categoria criada por católicos e depois usada por diversos religiosos, de variadas denominações, para combater os movimentos e estudos feministas, queer ou LGBT. Vivemos hoje um período de grandes tensionamentos entre visões distintas sobre o campo das sexualidades e dos gêneros. Esses tensionamentos e polêmicas também atingem a própria produção científica, como vimos nas diferentes possíveis leituras em torno das pesquisas em torno da existência ou não de um gene que determinaria porque determinadas pessoas são homossexuais.

Este módulo, explicitamente, adere às perspectivas da construção e desconstrução da realidade, filiado aos estudos feministas, LGBT e queer que, mesmo em suas imensas diferenças, argumentam que as políticas e as produções dos conhecimentos não coisas separadas. Sujeito pesquisador e objeto a ser pesquisado estão sempre implicados. A diferença é que algumas pessoas explicitam isso e outras negam ou encobrem essas relações. O pessoal é político. A produção do conhecimento também.

Referências

- BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.org.br/handle/123456789/12345>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
- BENTO, Berenice Bento. *A raiz da violência*. São Paulo: Garamond, 2006.
- BIRMAN, Joel. *As pulsões e seu destino*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Trad. Renato Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BUTLER, Judith. O parente estrangeiro. *Revista Cadernos pagu* (21) 2003b: pp.2-10. Disponível em: <http://www.cadernospagu.org.br/pdf/cpa/n21/n21a10.pdf> - Acesso em: 28 ago. 2018.
- BUTLER, Judith. Crítica da razão heterossexual. In: *Mérida Sexualidades transnacionais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARVALHO, Mario, CARRARA, Sérgio. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Soidiedad* – Revista Latinoamericana, número 14, agosto 2013, p. 319-351. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872013000200015&script=sci_abstract&tlng=pt - Acesso 21 agosto 2018.

COLLING, Leandro. Quatro dicas preliminares para transar a genealogia do queer no Brasil. In: BENTO, Berenice; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir (Org.). *Desfazendo Gênero: subjetividade, cidadania, transfeminismo*. Natal: EDUFRN, 2015a, p. 233-242.

COLLING, Leandro e SANTOS, Matheus Araujo dos. O corpo intersex e a politização do abjeto em XXY. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, v.02, n.25, dez. 2011, p. 234-250. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/23061/0> Acesso em: 25 ago. 2018.

DUMARESQ, Leila. O cisgênero existe. In: *Transliteração*, 2014. Disponível em: <http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2014/12/o-cisgenero-existe/> - Acesso em: 28 ago. 2018.

DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens* - desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. São Paulo: Annablume, 2011.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?* Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERNANDES, Marisa. O movimento das mulheres lésbicas feministas no Brasil. CULT, edição 235, 12 de junho de 2018. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/mulheres-lesbicas-feministas-brasil/> Acesso em: 28 ago. 2018.

HALL, Stuart. Quem precisa da (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 103 a 114.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfeminista. In: JESUS, J. G. Rio de Janeiro: Metanóia, 2014. p. 145 a 166.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Conceito em meio a disputas. *Bolema*, v. 20, n. 1, 2016, p. 145 a 166.

KAAS, Hailey. O que são pessoas trans? Disponível em: <https://enque-sao-pessoas-cis-e-cissexis.com.br/> Acesso em: 25 ago. 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A vida sexual*. Petrópolis: Vozes, 1982.

LOURO, Guacira Lopes et al. *Transsexualidade e gênero: o debate contemporâneo na educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. (org.). *Transsexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LOWENKRON, Lara e MORAES, Mariana. *Entrevista com Rogério Junqueira*. Disponível em: <http://www.clam.org.br/destaque/2018/01/25-de-janeiro-de-2018>.

MACHADO, Paula Sandrine. *Transsexualidade e gênero: o debate contemporâneo na educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARTINS, Maurício Vieira. De Darwin, de caixas-pretas e do surpreendente retorno do 'criacionismo'. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 739-756, dez. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000400013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 ago. 2018.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MOREIRA, Núbia Regina. Representação e identidade no feminismo negro brasileiro. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Florianópolis. *Seminário Internacional Fazendo Gênero* (7.; 2006; Florianópolis, SC). Florianópolis - SC: Ed. Mulheres, 2006. Disponível em www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/N/Nubia_Regina_Moreira_06.pdf Acesso em: 18 ago. 2018.

NOGUEIRA, Gilmaro. Hétero-passivo é tendência. In: COLLING, Leandro e NOGUEIRA, Gilmaro. *Crônicas do CUS: cultura, sexo e gênero*. Salvador: Devires, 2017, p. 30 a 34.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. *O negócio do michê – prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasileira, 1987.

PINO, Nádía Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*, Campinas, Unicamp, n. 28, p. 149-176, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/08.pdf> - Acesso em: 18 ago. 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, jun. 2010, p. 15-23. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31624> Acesso em: 18 ago. 2018.

PRECIADO, Paul B. *Testo yonqui*. Madrid: Espasa, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma crítica à Realidade, 20(2), jul/dez 1995 ufrgs.br/index.php/educacaoeeducar 28 ago. 2018.

SILVA, Alessandro Soares da. as Paradas

do Orgulho LGBT e a construção da *Electrónica de Psicología Política* de 2011, p. 127-158. Disponível em: abril2012-nota09-Memoria,%20publicas-el%20papel%20de%20LGBT.pdf

SOUZA, Fábio Feltrin e BENEFÍCIO, Brasil: um balanço. In: ALVES, Maria do Carmo. *Sexual: teoria, política e educação*. Chapecó: UFFS, 2016, p. 115-132.

TADEU DA SILVA, Tomaz. A diferença. In: TADEU DA SILVA, Tomaz. *A perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

VERGUEIRO, Viviane. *Por uma teoria de gênero inconformes: uma análise da normatividade*. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: repositorio.ufrj.br/handle/11362/44111

Gênero e sexualidade na atualidade

Este livro didático foi pensado para apresentar, de uma forma panorâmica e inicial, alguns aspectos, conceitos e definições importantes para quem deseja estudar os temas relativos à diversidade sexual e de gênero na atualidade.

A proposta é suscitar nas pessoas leitoras o desejo de ler mais sobre os temas, pois neste espaço jamais daríamos conta de desenvolver todos os assuntos e nuances desses temas ricos e complexos sobre sexualidade e gênero.



PROEXT
PRO-REITORIA DE EXTENSÃO



Instituto de
Humanidades, Artes e Ciências
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

